

MORRA A DITADURA! VIVA A LIBERDADE!

Uma parte do exército, vinda do norte, comandada por Gomes da Costa, Raúl Esteves e Filomeno da Câmara pretende entrar hoje em Lisboa, esmagar a parte do exército liberal que se opõe à ditadura e estabelecer um regime férreo contra as conquistas do povo trabalhador

Perante um perigo tão grave só resta um recurso a todo o povo de Lisboa: as armas!

Neste momento não pode haver hesitações. Ou vencer ou morrer!

A Confederação Geral do Trabalho proclamou em princípio a greve geral revolucionária em todo o país!

Pela Liberdade contra a Tirania, às armas povo de Lisboa!

Povo de Lisboa, às armas!

E' tão grande a ameaça que paira neste momento grave sobre todas as liberdades e sobre todas as conquistas do espírito liberal que outro grito não nos sai das nossas gargantas senão este que nos vem da alma:

Povo de Lisboa, às armas!

O general Gomes da Costa, apoiado por oficiais monárquicos que se aproveitaram do movimento lançado por militares republicanos e bem intencionados, deve chegar hoje a Lisboa para estabelecer a ditadura homicida e brutal como a de Primo de Rivera.

Raúl Esteves, o perseguidor da classe ferroviária, o empregado das insurreições fascistas que o povo sempre repudiou, está no Entroncamento à frente das tropas, prendendo todos os que se opõem ao estabelecimento da ditadura.

Já prendeu os drs. Alvaro de Castro e Lopes de Oliveira.

Pretendem os ditadores penetrar em Lisboa, esmagar a liberdade e manietar o povo trabalhador.

Neste momento extremo todos os que se revoltam ante a ideia de um regime de ferro e fogo só têm um caminho a seguir: a revolta armada e a defesa a todo o transe das poucas liberdades conquistadas com o sangue dos mártires e o sacrifício dos heróis.

Povo trabalhador, às armas!

Há no exército homens liberais que estão dispostos a lutar e a expor a sua vida contra a ditadura. Mais razões tem esse povo para acompanhar esses homens enquanto eles o quizerem acompanhar e para morrer de armas na mão se for preciso morrer!

O partido democrático, carregado de erros, foi vencido não pelos militares que pretendiam a ditadura, mas pelo povo que não o defendeu, que não o achou merecedor de tão desassombrada defesa.

Derrotado esse partido outro inimigo mais feroz surge: a ditadura.

Povo, às armas contra a ditadura!

Nesta hora grave não pode haver um minuto de hesitação. O caminho é para a frente. Se a ditadura tem de vencer, que gose os seus triunfos entre os escombros e sobre os cadáveres. A ditadores não deve ser dado o direito de governar homens em cujos peitos palpitem corações pela Liberdade.

Quando soltares o teu grito de rebeldia, milhares de vozes te responderão. O amor à Liberdade ainda não morreu na alma do povo português.

Povo de Lisboa, grita: Às armas!

Às armas, pela Liberdade!—responder-te há a voz popular por todo o país.

Povo de Lisboa, às armas!

Viva a Liberdade!

Abaixo a tirania!

Importantes declarações do major sr. Ribeiro de Carvalho

A tarde de ontem publicava importantes declarações do major sr. Ribeiro de Carvalho. A sua maneira de ver é realmente notável, motivo por que nos permitimos transcrever a entrevista que concedeu ao referido jornal:

«O major Ribeiro de Carvalho ouve, silencioso, o pedido de entrevista.

«O major está esfingido! comenta alguém a nosso lado.

«Não, declara. Falei ante a promessa de reprodução fiel das minhas palavras.

A promessa fez-se, e o distinto oficial fala:

«Fui absolutamente estranho aos acontecimentos, declara. Não estava comprometido no movimento nem lhe dei a minha

adesão. A minha única intervenção nos acontecimentos foi a de, juntamente com o meu camarada major Aragão, servir de intermediário entre o Presidente da República e o Comandante Cabeçadas, entregando-lhe uma carta indicando a conveniência da constituição dum governo nacional.

«A sua impressão sobre os acontecimentos?

«Que a vitória da revolução é, antes de mais nada, um triunfo da opinião pública. Os revoltosos venceram porque ninguém estava disposta a sacrificar-se por um governo que não traduzia os votos da nação.

«Além disso, a esterilidade do Parlamento e as lutas miseráveis dos partidos tinham tornado quase geral a convicção da necessidade de um Governo munido de poderes excepcionais, que fizesse a política de realizações que o País imperiosamente reclamava. Entendo que o movimen-

to pode ser útil, se, como o saído da Regeneração, no tempo do Constitucionalismo, fizer uma política ampla e generosa de conciliação nacional, e prevalecer o interesse colectivo sobre o espírito de facção e iniciando ao mesmo tempo uma política de fomento que procure a prosperidade pública. Sou absolutamente contrário à política de violência que preconizam certos energúmenos. Repudio, como a grande maioria do exército, um Governo militarista. Aqueles que querem um Governo de força, objectarei que até agora não se sabe de que lado está a força, o que só pode decidir-se pela sorte das armas. Até agora, não há vencedores, porque lá diz o proverbio latino: *Sine sanguie victoria non est*. Mas aqueles que arrastarem o País para a calamidade da guerra civil, sem a qual os seus propósitos não poderão ter realização, terão que responder perante o País e a posteridade, pelas responsabilidades tremendas que assumem.

E mais não disse o major sr. Ribeiro de Carvalho.

As declarações do comandante Mendes Cabeçadas

Entrevistado ontem pelo director do *Diário da Tarde* o sr. Mendes Cabeçadas declarou:

«Respeitarei todos os direitos, estabelecerei sólidas garantias para as liberdades públicas, concederei um estatuto aos funcionários civis, que defina nitidamente as suas regalias e os seus deveres e defenda o seu recrutamento e a sua promoção das intromissões dissolutas e indisciplinares da política de facção e de partido, não exercerei represálias políticas, entendendo que os partidos devam, com paciência, reorganizar-se para ganhar a confiança da nação e serem instrumentos úteis à República.

Declarações do "leader" da Esquerda Democrática

O dr. sr. José Domingues dos Santos, com quem conversámos rapidamente no Chiado, não escondeu a sua opinião em frases sublimas, nem falou em voz abafada. Abertamente, depois de aludir à sintética entrevista que publicamos no nosso «Suplemento» de ontem, declarou-nos:

«Estamos já sob o perigo iminente duma ditadura militar.

«A Esquerda Democrática?

«Nítidamente contra ela. Fomos contra António Maria da Silva. Considerámo-lo fora da lei. Entendemos que ele não devia ser auxiliado—e não o foi. Este movimento provou que o país nutria uma antipatia geral por ele. Caiu desamparadamente, vítima da sua política nefasta que assentava exclusivamente no artifício e na corrupção. Somos também contra a ditadura militar, sem hesitações, sem atitudes dúbias, declaradamente.

Derivando:

«A Esquerda Democrática não tomou parte neste movimento. Os que o lançaram na rua pediram-nos a nossa neutralidade. Concedemo-la, visto que de nenhum modo podíamos defender o político venal que a opinião pública derrubou.

«A atitude do sr. Mendes Cabeçadas?

«Declaramos-nos que não pretendia uma ditadura militar. Quería derrubar a situação ditatorial silvista, organizar um ministério de competências, realizar um recenseamento que permitisse umas eleições decentes. Afirmámos-nos que havia sido tomado um compromisso de honra, resalvando os objectivos do movimento.

«E agora?

«Há poucas horas, o sr. Cabeçadas, que foi arrancado do ministério da guerra por oficiais republicanos para o libertarem da pressão reaccionária, ratificou as declarações feitas quando, antes da eclosão do movimento, se pediu a neutralidade da Esquerda Democrática.

«Parece que ele não definiu claramente a sua atitude em face do general Gomes da Costa?—arriscámos.

«Nada lhe posso responder de concreto. Acha confusa a sua atitude?

«Confusa, não. Hesitante... hesitante num momento em que se reclamam atitudes claras e decisões enérgicas.

O que nos disse o dr. Nobrega Quintal

O dr. sr. Nobrega de Quintal, da Esquerda Democrática, fez-nos em síntese as seguintes declarações:

«Quem deitou abaixo António Maria da Silva não foi o movimento militar, mas a opinião pública. Em volta daquele político estabeleceram-se o isolamento: todos o evitaram como se evita o contacto dum leproso. Abandonaram-no, despresaram-no, por repugnância. Caiu, sem grandeza, do seu pedestal de podridão.

«Não se disparou para isso um único tiro. A ideia duma ditadura não estava no plano dos revolucionários nem estes podem aureolar-se do prestígio duma vitória visto que quem venceu foi o país inteiro. E o país não quer uma ditadura. O país, isto é, toda a gente, menos os monárquicos encapotados e os reaccionários.

«O general sr. Gomes da Costa que pretende a ditadura militar não tem o prestígio que só dá a vitória. O sr. Gomes da Costa não venceu: integrou-se no país—no país inteiramente desfavorável ao chefe do governo deposto. Quem venceu até hoje foi a concordância geral em escorregar do Terreiro do Paço a venalidade de António Maria da Silva. Especular a ponto de se afirmar que a ditadura militar é a expressão deste movimento é cometer além dum erro grave um abuso inqualificável.

Porque não fala o sr. Sá Cardoso

Encontrámo-nos, próximo das 18 horas, na Arcada, junto ao ministério do Interior, o general sr. Sá Cardoso, trajando civilmente, com alguns amigos. Inquirimos, numa interrogação rápida, da sua atitude.

O sr. Sá Cardoso, manifestamente aborrecido, volveu-nos:

«Estou sendo envenenado por muita gente. Torce-se todas as minhas palavras, deturpam-se as minhas intenções e inventam-se atitudes que não tive. Sinto-me, devido a isso, colocado na situação de nada poder dizer. E creia que não é por menos consideração que me recuso a falar.

As divisões do exército vão marchar sobre a capital

As notícias recebidas em Lisboa, e mesmo aquelas que se referem à capital, são tão contraditórias que ainda não esclarecem devidamente a situação. Sabe-se já que uma parte dos revoltosos, com o general Gomes da Costa e outros chefes militares, pretende o estabelecimento de uma ditadura militar, que para ninguém será benéfica. Pelas informações que temos, o general Gomes da Costa procura impor essa ditadura à força.

Os comandantes das 2.ª e 5.ª divisões enviaram às outras divisões um telegrama assim redigido:

«Tendo chegado ao conhecimento deste comando, por intermédio de «rádios» interceptados e de notícias dos jornais, que é possível dar-se o caso de ser desvirtuado o pensamento que levou o Exército a efectuar o movimento que acaba de triunfar e ficar o governo entregue a indivíduos com os mesmos vícios políticos e morais de que temos sido vítimas, a 2.ª e 5.ª Divisões do Exército declaram que se opõem e resistirão por todas as formas a que se cometa tal crime. E apelam veementemente para todas as outras, a fim de que não seja consentido que o governo seja entregue a políticos partidários, mas sim a homens de reconhecida honestidade e competência, aos quais o Exército dará toda a força de que careçam para a solução do problema nacional».

O general Gomes da Costa concordou, é claro, com os termos desse documento e ordenou logo a concentração das tropas pela seguinte ordem:

«2.ª divisão, ao longo da linha férrea, entre a Pampilhosa e Coimbra; 3.ª divisão, no Pórtio; 4.ª divisão, em Vendas Novas, com brigada de cavalaria; 5.ª divisão, em Coimbra; 6.ª divisão, em Ovar; 7.ª divisão, no Entroncamento; 8.ª divisão, em Aveiro».

Uma vez concentradas estas divisões, todas elas marcharão sobre Lisboa.

O Parlamento foi impedido de funcionar

As duas casas do Parlamento tentaram ontem efectuar as suas sessões, que seriam as últimas da actual legislatura.

Na Câmara dos Deputados, à hora de se iniciar a sessão, estavam presentes 20 democráticos, 7 nacionalistas, 2 do grupo Alvaro de Castro, 2 esquerdistas, 1 católico e 1 monárquico. A União Liberal não tinha presente um único deputado.

Às 15,30 horas, pouco mais ou menos, chegou ao largo das Cortes uma força de cavalaria da G. N. R. O seu comandante foi transmitir ao capitão da guarda do edificio as resoluções da Junta Revolucionária.

Depois de várias diligências que garantissem a autenticidade da ordem transmitida, tratou-se de a executar. Parece, porém, que não havia disposições para empregar a violência, tanto mais que os deputados outro recurso não encravam que o de submeterem-se.

E o recurso, o único que o momento consentia, veio logo. Era uma falta de número, talvez propositalmente provocada. Contra o costume, a chamada fez-se com rapidez. Verificou-se a presença de 37 deputados, pelo que o sr. Rodrigues Gaspar declarou encerrada a sessão. Houve várias vivas à República, correspondidos com esforço, e todos debandaram em meio de uma grande calma.

No Senado, houve a mesma solenidade de vencidos, tendo-se encerrado a sessão por falta de número.

Foi demitido o administrador geral dos Correios e Telégrafos

O general Gomes da Costa enviou, ontem, do Quartel General do Pórtio, aos Correios e Telégrafos o seguinte telegrama: «Comunique a todo o pessoal dos Correios e Telégrafos que, por vontade do Exército, António Maria da Silva deixou de ser empregado público e que é a própria classe quem deve indicar a pessoa que o substitua».

Demitido o antigo chefe democrático, e por ordem do comandante Cabeçadas, foi a administração geral dos correios e telégrafos confiada aos sr. Raúl Caldeira, funcionário superior, e capitão Vieira Lusitano.

A propósito, informava ontem um jornal da noite:

«Segundo informações que colhemos hoje junto dum funcionário superior dos Correios e Telégrafos, a classe telegrafopostal está disposta a pronunciar-se no sentido de se entregar o cargo até agora ocupado pelo sr. António Maria da Silva a uma entidade que seja irreversivelmente competente e exclusivamente se dedique à sua função, alheia a todas e quaisquer sugestões políticas que possam prejudicar a administração e a direcção dos serviços».

As resoluções da Câmara Sindical do Trabalho

A Câmara Sindical do Trabalho de Lisboa, reunida ontem à noite com a presença de grande número de delegados, aprovou a seguinte moção:

«Considerando que a recente revolta militar gerou uma situação política de excepcional gravidade para o proletariado;

Considerando que a ameaça duma próxima ditadura militar deve o proletariado resistir com toda a sua energia;

Considerando que aos seus órgãos representativos de classe compete organizar e conduzir essa resistência, a C. S. T., tendo em atenção a gravidade do actual momento, resolve:

1.ª Aconselhar o proletariado de Lisboa a resistir contra o estabelecimento da ditadura militar que se avizinha;

2.ª Aceitar para uma mais eficaz resistência, a frente única com todos os organismos que aceitem e pratiquem a luta de classes.

3.ª Propor ou aceitar um comité de acção, mandatário dessa frente única, que procure dotar o proletariado dos possíveis meios de resistência.

No Barreiro e em Beja substituem-se várias autoridades e continuam paralisados os caminhos de ferro

BARREIRO, 31.—Às 14 horas partiram daqui para o Seixal grupos de civis e marinheiros a bordo do vapor «Capitania». Ali chegaram demitiram o administrador que substituíram pelo sr. João da Costa. Como o representante do governo demitido resistisse à intimação foram disparados alguns tiros.

Os serviços ferroviários continuam paralisados.

O «comité» expediu a todas as linhas e seus ramais um telegrama dirigido aos ferroviários, comunicando-lhes continuar a paralisação de todos os serviços e transportes, incluindo os de tropas, até serem satisfeitas as suas reclamações. Determina-lhes mais que se mantenham firmes até que outras ordens lhes sejam comunicadas. Os ferroviários reúnem na sede do seu sindicato, às 21 horas, para tratar de assuntos relativos ao movimento. O administrador do concelho, ontem nomeado pelo «comité», operário corticeiro Luís Pinto, nomeou regedor Hermano Marques, praticante de enfermeiro.

A vila está em socorro.—C.

BEJA, 31.—Continuam paralisados os serviços ferroviários até serem satisfeitas as reclamações da classe.

O comandante militar de Moura pretende ocupar militarmente a estação e fazer comboios, mas não o conseguiu, devido à oposição do pessoal que só recebe ordens do respectivo «comité».

O governador civil de Beja—onde já terminou a prevenção—foi demitido e substituído pelo secretário geral.

Consta em Beja que cavalaria 1, 3 e 10, de Extremoz, solidárias com o movimento, marcham em direcção a Évora.—E.

Elementos monárquicos e sidonistas bloquearam no ministério da Guerra o sr. Mendes Cabeçadas

Ao ministério da Guerra, onde esteve até à tarde o sr. Mendes Cabeçadas, convergiram muitos pescadores de águas turvas, monárquicos dissimulados em republicanos conservadores, elementos políticos que foram ferozmente reaccionários durante o sidonismo.

A certa altura houve a impressão geral de que o ministério da Guerra era deles e que o próprio sr. Cabeçadas era seu prisioneiro—prisioneiro da vontade daqueles energúmenos que falavam forte, berravam destemperadamente. Se os ouvissem os que estavam longe, a população operária, por exemplo, sentir-se-ia cheia da mais justa das repugnâncias e o desejo de correr aqueles cães tinosos, aqueles cães raivosos acudir-lhe-ia de pronto. Aquela gentilha queria, à viva força, implantada a ditadura militar, iniciada por uma série fulminante das mais bárbaras violências.

Alguns militares de patente inferior começaram pelos corredores exteriorizarem o seu protesto. Um deles, presumivelmente, disse-nos irado:

«Isto é uma vergonha. O ministério da Guerra tem sido todo o dia uma data de malandros que se vão dando corridos há muito tempo».

Tentámos esforçadamente de 45 minutos—tinhamos lá de 17,30—avistarmos-nos com o co. Cabeçadas a fim de obtermos declarações que podessem lançar o gravíssimo momento que desde

Impossível. Totalmente impedido do sinistro de corvos que neta do ministro e, principal do chefe do gabinete não nos deixou sequer

frutífera.

Descemos, fartos da respirável, até ao portão a fim de procurarmos eno se encontravam na Arca desse auxiliar o nosso

depois surge o capitão fardado, acompanhado

Acorremos e fomos

atos e sobre por medida

ra revenda

A Vista, 172

do ministerio do Pro

ULTIMAS NOTÍCIAS

OS ÚLTIMOS ACONTECIMENTOS

Impressões colhidas pelo nosso enviado especial a Sacavem e à Amadora

Queremos meter na ordem os desordeiros, diz-nos o comandante das forças acampadas em Sacavem

Ouvindo o tenente-coronel Namorado de Aguiar, adjunto do comandante das forças acampadas na Amadora

(Do nosso enviado especial)

SACAVEM, 31. — Vemos encontrar o Campo da Feira, hoje praça da República, em estado bélico. 2.500 homens, sob o comando do coronel Mousinho de Albuquerque, estão ali acampados e aguardam ordens para marchar sobre Lisboa.

A fisionomia do biquinho tem algo de perturbador. O ensilamento das armas e o recluir das bocas dos obuzes é qualquer coisa de respeitável na povoação, depois do "taxi" ter rodado por um armêdo de estrada que nos ia descomulgando, passou por nós um esquadrão da Escola Prática de Cavalaria de Torres, que foi acampar nuns terrenos conhecidos pelo Olival do Outeiro.

As forças militares que se encontram bivacadas em Sacavem e chegaram hoje em dois comboios, às 8 horas da manhã são as seguintes:

7.º Grupo de Metralhadoras, de Castelo Branco, sob o comando do capitão Sr. Zaid; uma bateria de obuzes de campanha, também de Castelo Branco, sob o comando do capitão Brandão; Infantaria 21, da Covilhã, comandada pelo tenente Pires Antunes; 7.ª Companhia da Administração Militar, Companhia de Aviação do Entroncamento, sob o comando do capitão Padilha de Castro; Companhia de Sapadores dos Caminhos de Ferro, sob o comando do capitão Mário da Costa; Companhia de Sapadores Mineiros.

Na população são ignorados os propósitos das forças aqui acampadas. Sabe-se só que a concentração de tropas aqui obedece a um fim imposto ao comandante Cabecadas os desejos do general Gomes da Costa.

O primeiro oficial com quem falámos recusou-se a prestar-nos qualquer informação. Só se o nosso comandante se dispuser a falar.

E amavelmente acompanha-nos ao quartel general das forças militares onde deve estar o coronel Mousinho de Albuquerque.

O coronel não estava. E o nosso solicito cicerone conduziu-nos agora por entre alas de curiosos ao lugar onde se encontrava o seu comandante.

Declinada a este a nossa identidade, a entrevista principia sem grandes rodeios: — Eu estou muito cansado. Não posso dizer mais do que disse aos seus colegas. Estamos aqui no cumprimento de um dever. Recebemos ordens para vir para aqui e obedecemos.

— Quem determinou a vinda das forças concentradas em Sacavem? inquirimos.

O coronel Mousinho de Albuquerque, com visível indiferença, responde-nos: — O general Gomes da Costa, quem havia de ser!

— Mas as forças do sr. Gomes da Costa não divergem da orientação do sr. Mendes Cabecadas?

Nova contracção nervosa do nosso entrevistado e a resposta vem em seguida: — Não senhor! Há uma perfeita unidade de vistas entre os srs. Gomes da Costa e Mendes Cabecadas.

E muito irritado: — Isso é um disparate. Só a indivíduos mal intencionados é que poderia lembrar semelhante coisa. Entre as forças aqui acampadas, as que estão no norte e as que pertencem à guarnição de Lisboa há um perfeito entendimento.

— Então porque se encontram aqui estes 2.500 homens?

— Nós estamos aqui às ordens do general Gomes da Costa. Estamos aqui para meter na ordem os desordeiros que enxa-meiam o país.

— Mas consta que se pretende estabelecer uma ditadura militar...

O coronel Mousinho de Albuquerque volta a irritar-se, antes de nos responder: — Isso é um disparate. Eu não percebo nada de política. Mas sei que isso não é verdade.

E acrescenta: — Nós queremos apenas dignificar a Pátria e a República. Queremos meter a casa em ordem. Quando isso se conseguir entregaremos os destinos do país aos políticos que são quem administram as sociedades.

Com o nosso interlocutor falámos depois sobre a concentração de forças militares nos arredores de Lisboa. Como nos fizésemos eco do boato circulante de que o militarismo se pretende opor ao espírito liberal do país, o coronel Mousinho de Albuquerque declarou-nos:

— Isso é um disparate. Nós fizemos este movimento apenas para moralizar o regime e meter na ordem os desordeiros.

A fechar a entrevista: — Queremos acabar com os assassinos e com os desordeiros profissionais. Esses que espalham os boatos que o senhor referiu são aqueles que terão que desaparecer...

E o coronel Albuquerque afasta-se enquanto nós, ante os olhares incoerentes de uma multidão de curiosos, avançávamos para o "taxi" que nos deveria conduzir à Amadora.

O que pensa o operariado do Porto sobre os acontecimentos

No rápido do Porto chegou esta madrugada a Lisboa o camarada Fernando Barros, secretário adjunto da Câmara Sindical do Trabalho da invicta cidade.

Aproveitando este ensejo falámos com o camarada Barros sobre o que pensa o operariado do Porto dos acontecimentos.

— O operariado do Porto, principia o nosso entrevistado, quando eclodiu o movimento aplaudiu-o, porque via no seu triunfo a terminação da dinastia do Partido Democrático.

— E agora?

— Conhecidos que foram os objectivos

AMADORA, 31. — No Grupo de Esquadrilhas estão acampados 2.000 homens pertencentes à Escola Prática de Infantaria (Mafra), 1.ª Bateria de Metralhadoras e Escola de Aviação de Sintra.

Como as que se encontram em Sacavem, as tropas aqui bivacadas aguardam ordens para marchar para Lisboa. Essa ordem só poderá ser dada pelo general Gomes da Costa, a quem obedecem.

Queremos falar ao comandante das forças acampadas. Não estava. Só poderia receber-nos o adjunto, tenente-coronel Namorado de Aguiar.

Enquanto uma praça da guarda nos faz anunciar, com um sargento que se encontrava postado à entrada do quartel trocamos impressões sobre os acontecimentos. São dadas informações as seguintes palavras:

— Estamos aqui às ordens do general Gomes da Costa. Não sabemos para onde vamos. Ninguém nos disse nada.

— Ainda ontem recebemos ordens para marchar para a Serra do Monsanto, porque se dizia que a guarda republicana estava ali concentrada. Agora não sabemos porque o boato carecia de fundamento.

— Os sargentos acataram uma ditadura militar? — perguntámos.

— Posso assegurar-lhe que nós não aceitamos outra situação que não seja constitucional. E sargentos nós reímo-nos às praças, cabos e guardas de fundamento.

— A narrativa do nosso interlocutor teve que terminar. Uma praça convidou-nos a acompanhá-la. Ia principiar a entrevista com o tenente-coronel Namorado de Aguiar, que foi iniciada com a seguinte declaração:

— As forças aqui acampadas estão à ordem do general Gomes da Costa.

— Pode dizer qual o seu fim?

— Apenas engrandecer a pátria e a República. Queremos meter a casa em ordem e expurgar o país dos políticos que o têm arruinado.

— Mas não há divergências entre as forças que apoiam o sr. Gomes da Costa e as do sr. Mendes Cabecadas?

— Não senhor. Todas as forças militares do país estão immanadas no mesmo pensamento. Foi inspirado nesse sentimento que fizemos este movimento.

E logo a seguir: — Quando a vontade do exército for respeitada recolheremos às nossas unidades. Antes disso não abandonaremos os nossos postos.

— Se todas as forças militares estão immanadas no mesmo pensamento porque se faz esta concentração de tropas?

— Estamos aqui para manter a ordem se ela for alterada em Lisboa.

E nada mais nos disse o tenente-coronel Namorado de Aguiar. Todavia as suas declarações são bem expressivas: se a vontade do general Gomes da Costa não for respeitada sobre Lisboa avançaram os 2.000 homens que estão na Amadora.

Está declarada em princípio a greve geral revolucionária em todo o país

Nota oficial da C. G. T.

Povo trabalhador: — O momento é mais de acção do que de palavras. As forças ditatoriais-militaristas ameaçam tomar o país de assalto em poucas horas e estrangular as liberdades públicas. Por isso a Confederação Geral do Trabalho, confiada de que todo o proletariado, por todos os meios ao seu alcance, oporá a mais tenaz resistência às hostes militaristas-ditatoriais resolveu proclamar em princípio a greve geral revolucionária em todo o país. Se o poder fazer, a C. G. T. lançará nesse sentido uma proclamação. Mas, para que o proletariado inicie a luta, bastará o conhecimento da aproximação das forças militares que veem impor-nos a sua ditadura.

A. C. G. T.

dos chetes revolucionários o operariado referido afirmou a sua disposição de combater todos os propósitos de ditadura.

— Como?

— O modo faccidi ainda não foi traçado. Aguardávamos que a C. G. T. se pronunciasse para realizarmos uma acção em comum.

— Mas há dias a C. S. T. votou uma moção...

— Nessa moção pautava-se a atitude da organização operária do Porto. E numa proclamação do Comité de Agitação que foi afixada nas ruas da cidade aconselhava-se a classe trabalhadora a exercer a máxima vigilância no sentido de não lhe serem cercadas as suas regalias.

Falando depois com o nosso interlocutor sobre o estado de espírito da população citadina, foi-nos dito:

— Apenas as forças conservadoras aplaudem o movimento. Se se der o avanço das tropas sobre Lisboa afugna-se que esse avanço será hostilizado por aqueles que veem nas intenções de Gomes da Costa um perigo para as liberdades públicas.

Greve geral em Évora

Somos informados de que o operariado de Évora declarou, ontem, pelas 17 horas, a greve geral revolucionária contra a ditadura militar.

Viva o povo trabalhador!

Foi preso o general Adriano de Sá

Informam-nos de que foi ontem preso no Porto o sr. Adriano de Sá, o general que em 18 de Abril sufocou a intentona fascista de Filomeno da Câmara, Raúl Esteves e Sinel de Cordes.

A Federação Marítima em face dos acontecimentos

A fim de apreciar os acontecimentos e resolver o caminho a seguir reúne-se hoje, às 18 horas, no local onde ultimamente tem reunido, o Conselho Federal da Federação Marítima.

Por ser de uma grande importância o assunto a discutir nenhum delegado deve faltar à hora indicada.

Dois delegados do Norte

No rápido do Porto chegaram esta madrugada dois delegados do general Gomes da Costa, com a incumbência de conferenciar com o comandante Cabecadas.

Da conferência resultou a imposição da demissão do Chefe do Estado. Esta imposição é da vontade do general Gomes da Costa e os delegados não vieram a Lisboa com outra missão.

Manifestações manáricas no Porto

PORTO, 31. — Alguns grupos de estudantes percorreram as ruas do Porto aos vivas à monarquia. A situação é assistente.

As forças reaccionárias que manobram o general Gomes da Costa, estabeleceram um ambiente irrespirável. — (E).

Um feixe de notícias importantes

O presidente da República renunciou. — Foi nomeado comandante da 1.ª Divisão o general Bernardo Faria.

— Foi resolvido organizar um governo que vá contra os desígnios do general Gomes da Costa.

O que se passou ontem no Arsenal da Marinha

O sr. Procópio de Freitas que fora incumbido de guardar alguns ministérios, inclusive o da Marinha e o Arsenal da Marinha foi alvo dum manifestação de hostilidade de alguns oficiais da armada que foram reclamar do sr. Cabecadas a demissão daquele oficial, alegando que devido à sua filiação no partido radical ele dava à marinha de guerra a impressão dum atitude política que ela não queria tomar.

Isto foi dito em termos cheios de dureza e o sr. Cabecadas ou por concordância, ou por transigência demitiu o sr. Procópio de Freitas.

Forças com essa decisão alguns aspirantes integralistas e manáricos quiseram afrontar o sr. Procópio de Freitas. Por fim, surgiram alguns populares inimigos da ditadura e perante a sua atitude enérgica os aspirantes integralistas desistiram do seu intento e escapuliram-se prudentemente, silenciosamente...

Nota oficial da Federação das Juventudes Sindicalistas

Aos jovens sindicalistas da região portuguesa

O militarismo, sedento do sangue do proletariado organizado, procura neste momento esmagar as regalias do povo. Hostes de janizários avançam sobre Lisboa para impor uma ditadura militar que transforme o país num feudo seu. Sem que o proletariado se oponha pela sua força e com todas as armas serem impiedosamente esmagados. Da nossa acção depende o nosso futuro.

A Federação das Juventudes Sindicalistas, que sempre se opuseram ao governo

MARIA VITÓRIA

2 SESSÕES 2

Robertson's Girls

Admiráveis quadros de fantasia e chistosos quadros de comédia

O Almoço das Senhas

O espectáculo mais alegre de Lisboa constituindo uma autêntica fábrica de gargalhadas

A volta ao lar

TODAS AS NOITES

DENTES ARTIFICIAIS

25500. Extracções sem dor a 15500. Dentaduras completas sem placa em "canchiú". Consultas das 11 da manhã às 8 da tarde.

MARIO MACHADO

R. Garrett, 74, 1.º (Chiado)

TIVOLI

Telef. 11.5474

A's 21 horas

A CAÇADORA

Filme de aventuras em seis partes com Coleen Moore

AMOR E CARBURADOR

Cine comédia em seis partes. Encenação de Pierre Colombier com Paulette e Alice Tissot

UMA CINE-FARÇA

Uma revista de actualidades

de António Maria, não estando animada de facciosismo, é contra todos os políticos porque é sempre contra o Estado e o Capital. Por isso exorta todos os jovens sindicalistas da região portuguesa a coadjuvarem toda a acção revolucionária da organização sindical integrada na C. G. T., e a combater a ditadura com todos os meios ao seu alcance. A violência responde-se com a violência, deve ser o nosso lema.

O comité em sessão permanente orientará a acção juvenil.

Avante pela Liberdade! Abaixo as ditaduras! Vivam as Juventudes Sindicalistas!

O Comité Federal

Nota oficial do Núcleo Juvenil Sindicalista de Lisboa

Recebemos uma nota oficial do Núcleo Juvenil Sindicalista de Lisboa, na qual se considera que os actuais acontecimentos comportam uma gravíssima ameaça às escassas regalias obtidas pelo povo. Apreendendo os acontecimentos, resolveu o mesmo Núcleo aconselhar os jovens a prepararem-se para a resistência contra a ditadura militar que se vem estabelecendo, assim se tornando coerentes com a sua ideologia.

Recebemos uma nota oficial da comissão mista de propaganda sindical do Alto do Pina, na qual se protesta contra a ditadura militar que virá a pesar sobre o povo trabalhador e se manifesta o desejo de se impeça a consumação do triunfo reaccionário, aconselhando-se também o proletariado a estar atento às resoluções que sejam tomadas pela organização operária.

Em Coimbra

A repercussão do movimento insurreccional nesta cidade--Fortes divergências entre as tropas da guarnição--A atitude do povo

COIMBRA, 31. — Como se sabe, a 5.ª divisão do exército, com sede nesta cidade, aderiu ao movimento militar chefiado pelo general Gomes da Costa. Na madrugada de ontem, infantaria 23 tomou os edifícios dos correios e telegrafos, câmara municipal e governo civil. Viemos a saber que todas as forças da guarnição estavam em hostilidade contra o governo, à excepção do batalhão da G. N. R., tendo no entanto o seu comandante, major Mota, tomado o compromisso de não hostilizar o movimento.

No quartel da G. N. R., à Cumada, refugiaram-se o governador civil, dr. Mota Veiga, o dr. Torres Garcia, ministro da Agricultura, e o coronel Zamith, comandante da divisão que se tinha recusado a aderir ao movimento.

Os revolucionários cortaram as ligações telefónicas e telegráficas, sendo também cortada a linha férrea do Norte.

Depois de se ter a demissão do governo, hoje de manhã, as forças recolheram aos seus quartéis.

Tem chegado diversas unidades militares de Aveiro, Viseu e Figueira da Foz.

As autoridades administrativas foram substituídas. Assumiu as funções de governador civil, o coronel Brito e as de comissário de polícia o capitão Galhardo. O inspector da policia, Eurico de Campos, foi destituído das suas funções.

Corre com insistência que já surgiram fortes dissensões entre os militares, especialmente entre os sargentos, quanto às finalidades do movimento, pois muitos estão descontentes com a chamada ao poder do comandante Cabecadas, em quem veem personificados os objectivos do movimento de 18 de Abril.

Ora há a considerar que uma parte de oficiais e sargentos desta guarnição é constituída por elementos retinamente republicanos a quem não pode agradar uma situação ditatorial.

A população tem seguido com ansiedade a marcha dos acontecimentos, receando a maioria que o movimento termine numa situação idêntica à do período de dezembro.

E' absolutamente falso o que alguns jornais referem--nomeadamente a "Epoca" e o "Notícias"--de que as tropas têm sido delirantemente aclamadas. Pelo contrário, verifica-se da parte do povo uma atitude de desconfiança, senão de hostilidade, em face dos acontecimentos. — C.

MATINEE às 3 h.

TEATRO SALÃO FOZ

Grande êxito do notável humorista e ilusionista DR. COMITRE

e dos aplaudidos e distintos artistas TINA DE JARQUE, Maria Corte Real e Guilherme Caupers--Carmencita Guerra, Hermanos Teruel (despedida)

Brevemente: Angelina D'Artès--Regine Cooper--Silva Lisboa

SOIRÉE às 9,15 h.

FARINHA PEITORAL LACTEA CENTAZI

A saúde das crianças

A força dos convalescentes

A energia dos velhos

— Procurar nas casas que melhores produtos vendem —

Teatro Nacional HOJE-HOJE

PAPILLON

O BOM RAPAZ

A's nove e meia da noite

PROTAGONISTA:

Otelo de Carvalho

Encenação do professor

ANTONIO PINHEIRO

EM ENSAIOS:

O ANTEPASSADO

Teatro Nacional HOJE-HOJE

PAPILLON

O BOM RAPAZ

A's nove e meia da noite

PROTAGONISTA:

Otelo de Carvalho

Encenação do professor

ANTONIO PINHEIRO

EM ENSAIOS:

O ANTEPASSADO

TEATROS, MÚSICA E CINEMAS

No Trindade

«Um marido ideal» de Oscar Wilde

A peça de Oscar Wilde «Um marido ideal» é uma peça de observação, com todos os defeitos das suas trivialidades, com todas as qualidades da sua fina observação. E', como - todas as peças do conhecido escritor inglês, uma cavaqueira amena entre gente smart. Oscar Wilde tem finura de psicólogo e sobretudo revela o seu temperamento refinadamente artístico e subtil.

Ernesto Vilches, como é um grande actor, consegue fazer um papel que não lhe está a carácter. Irene Lopes Heredia muito bem. Elegante, coquete, perversa, dum mundanismo perigosamente encantador.

Os outros artistas muito bem. A encenação perfeita.

Nogueira de BRITO

Réclames

Há peças que não envelhecem e nesse caso estão principalmente aquelas em que se travam lutas das paixões e dos interesses: nesse caso está o «Otelo», a famosa tragédia de Shakespeare, agora em scena no Apolo. E para que maior realce tenham, ainda as brilhantes qualidades da peça, apresenta-se ela com um magnífico conjunto de interpretação, em que, principalmente, se salienta Rafael Marques, no protagonista, e que muito bem acompanham Irene Gomes, Palmira Torres, Abílio Alves, Brando e Calazans, isto para mencionar sem os artistas que têm papeis de maior destaque, sem querer dizer que os outros não os acompanham com a maior correcção. «Otelo», que hoje se repete, a preços populares, vendendo-se os bilhetes sem locação, é um espectáculo deslumbrante.

— A temporada de verão no Gimnásio, inaugura-se ainda esta semana, com a hilarante comédia «O Célebre Pina» desempenhada por vários artistas que, na sua maioria, já nessa peça tomaram parte, voltando aos papeis que interpretaram há anos, quando a referida farça foi à scena, com enorme êxito. Na distribuição de «O Célebre Pina» figuram, agora, os seguintes artistas: Maria Pinto, Isilda de Vasconcelos, Leonilda Pereira, Carlota, Sande, Maria Prata, Dulce Almeida, Joaquim Preto, Holbeche Bastos, Pestana de Aguiar, Augusto Machado, Pedro Sampaio, Candeira, Artur Rodrigues e J. Pacheco.

Na temporada de verão, no Gimnásio, os preços dos bilhetes têm um considerável abrandamento.

— Causaram verdadeiramente sensação os trabalhos de ilusionismo apresentados ontem no Foz pelo dr. Comitre. Tina de Jarque, completamente, dia a dia é delirantemente aplaudida em todo o seu repertório. Completam o programa a pequenina bailarina Carmencita Guerra, despedindo-se hoje a Troupe Teruel que tem de retirar-se a cumprir contratos já firmados em Toulouse.

Os espectáculos começam às 15 e 21,15 exibindo-se também um magnífico «film» de arte e um «film» português.

MUTUALISMO E COOPERATIVISMO

Caixa de Auxílio dos Trabalhadores do Tráfego. — Reúne-se hoje, pelas 8 horas, a assembleia geral, para leitura e apreciação do balancete de abril último e do regulamento da Caixa.

Insubordinação da policia de São Tomé

Segundo telegrama recebido de Lisboa, deu-se uma insubordinação no corpo de policia de São Tomé, tendo-se insubordinado 29 praças desse corpo, que foram em seguida presas e mandadas seguir para Loanda, a fim de ser mantida como até aqui a disciplina, não havendo mais nada a registar.

ASSINEM Os mistérios do Povo

Teatro da Trindade

HOJE

reaparição da companhia

LUCILIA SIMÕES

COM A ALEGRE COMÉDIA

O HOMEM DAS 5 HORAS

EM FESTA ARTISTICA

DO DISTINTO ACTOR

Joaquim Almada

TEATRO AVENIDA

Telef. N. 4356

COMPANHIA SATANELA - AMARANTE

ÚLTIMAS representações do

PÃO DE LÓ

com o FADO DO SOLDADO

Encontro - inauguração da Epoca de Verão deste interesse, lido de E. Riquelme, encenado, de J. Riquelme e João Bastos, lida ilustrada de J. Riquelme, do um indispensável assumpto de tria e artistica.

O seu preço 4500. Telef. N



Nota oficiosa da C. G. T. sobre os últimos acontecimentos

A Confederação Geral do Trabalho Portuguesa cumpre um dever neste momento vindo a público fazer francas e categóricas declarações, no intuito de marcar uma posição em face dos actuais acontecimentos.

Desde sempre a acção da Confederação Geral do Trabalho foi estranha a quaisquer movimentos de ordem política, qualquer que seja o partido ou facção que nos mesmos esteja envolvida.

Fiel ao espírito das suas bases orgânicas, como expressão dos organismos que a constituem; fiel às aspirações e interesses do proletariado português consignados nas resoluções dos seus congressos nacionais; fiel ao espírito da luta de classes sociais, essencialmente anti-autoritária, profundamente libertária e emancipadora; e tendo em atenção a obra opressiva de todos os governos do Estado, como mandatários do capitalismo—a Confederação Geral do Trabalho não podia estar neutra em face do governo que acaba de ser forçado a demitir-se e por isso o combateu.

Mas, pelas supracitadas razões, a C. G. T. tampouco podia colocar-se ao lado, colaborar, directa ou indirectamente, com as forças políticas que lhe eram adversas, e, consequentemente, não poderia intervir na acção que determinou a sua queda.

Se outras razões não existissem para manter firmemente esta atitude, o facto de se vir insistentemente anunciando a eclosão dum movimento nacionalista de carácter reaccionário e militarista, qualquer coisa parecida com o «fascismo», e a circunstância deste movimento ser inicialmente militar bastariam para determinar no proletariado uma posição de desconfiança e portanto de defesa.

Certas circunstâncias, de resto, justificam esta atitude. O número 1.º do Programa Revolucionário anuncia uma remodelação na Constituição da República. Não diz, porém, em que sentido será feita essa remodelação.

Por detrás dessa remodelação não estará um cerceamento de liberdades, colectivas e individuais?

Sendo essencialmente estranhos às ficções democráticas de qualquer constituição política, porque se regem os Estados, nós consideramos, entretanto, que uma Constituição bem poderá consubstanciar a soma de conquistas liberais e democráticas dos povos que as aceitam.

Consideramos ainda que o funcionamento regular e inofensivo dum Constituição francamente democrática consiste na sua interpretação, animada dum franco espírito racional, humano e progressivo, por parte dos elementos que as circunstâncias do presente momento histórico colocam na direcção colectiva dos povos.

A C. G. T., organismo essencialmente de luta económica, não pode, entretanto, ser estranha a esta questão. Considera que a questão social não se baseia apenas na luta pela conquista de mais pão, no lato sentido da palavra; mas, muito particularmente, na luta pela conquista da liberdade.

Pão e Liberdade—eis o lema da Confederação Geral do Trabalho.

Quaisquer que sejam as medidas do novo governo no sentido de cercar direitos ou liberdades adquiridas, serão como regeladas pela C. G. T., porque vêm ferir em pleno peito o proletariado, que, dentro ou à margem da luta de classes sociais, tem vertido o seu sangue para as conquistar.

A C. G. T. não esconde a sua preocupação quanto a diferentes declarações feitas por candidatos do actual movimento, declarações que, se não estão consignadas no manifesto-programa *Pela Pátria e pela República* da Junta Revolucionária, revelam claramente o pensamento que animará aquela acção no mesmo manifesto enunciada.

São transparentes as declarações do general sr. Gomes da Costa quanto às reformas sociais para o proletariado, quando repele o que classifica de «retórica dos comícios». Nós vemos por detrás de tais palavras o cerceamento da liberdade de reunião e de expressão do pensamento pela palavra e uma habilidade tendente a uma colaboração de classes, desmoralizadora e destinada a amortecer as energias vitais do proletariado animado de espírito revolucionário.

E, numa espécie de complemento daquela acção retrogradante, a promessa de «assegurar a personalidade jurídica da Igreja e o ensino religioso nas escolas particulares, é também sintomática».

O sentido em que serão executadas as medidas constantes do número 6.º do programa revolucionário quanto à «reforma e sistematização dos métodos de ensino e educação», está claramente posta naquelas declarações.

E assim verifica-se que, depois da sempre crescente liberdade que ao clero tem sido dada para as suas manifestações religiosas públicas; depois da liberdade que ao mesmo tem sido dada para o exercício do catolicismo, dentro e fora da Igreja, a liberdade de ensino religioso e o reconhecimento jurídico da Igreja, constituem o resto das armas de que carece para completar a obra de embrutecimento e escravização do povo.

Do exposto pode concluir-se qual será o futuro que está reservado ao povo, e particularmente ao proletariado, no caso de, com o triunfo das forças militares, vingarem aqueles objectivos.

Com um governo ditatorial militar ou com um governo nacionalista animado de pensamentos conservadores e retrógrados, a perspectiva que se apresenta é de molde a colocar na posição de alerta as forças do proletariado organizado e que conscientemente pretende caminhar por uma senda emancipadora e progressiva.

A C. G. T., colocando por este meio o seu lema de «pão e liberdade», exorta o mesmo a conservar-se atento, prevenindo-se contra a eventualidade duma resistência mais ou menos defensiva da liberdade em nome da ordem.

A CADEIA DAS MÓNICAS

Uma roça de mulheres na posse absoluta de um guarda protegido por políticos

Também o sexo feminino tem nas cadeias a sua odisséia, a sua escola do crime, a sua tortura, a sua perdição. A mulher que, ao canto do seu lar, desconhece todas as escalas do vício, se um dia a fatalidade a arremessa para a cadeia, à força de conviver com desgraçadas, pervertidas no lodo dos bordéis, aprende em pouco tempo tudo que a miséria produz e a ociosidade pode inventar. E não são poucas as mulheres que ganham o pão com o seu próprio esforço que vão parar ao Aljube e às Mónicas. Especialmente, as vendedeiras e leiteiras dão um grande contingente à cadeia onde as espera o que os leitores conhecem, ou que a mente lhes pode dizer sem grande esforço. A mulher nas cadeias corre o risco de cair na desgraça pela obliteração do cérebro. A prostituta encontra na cadeia o seguimento do triste viver que o Estado lhe legalizou.

O trabalho nas cadeias, para os homens como para as mulheres, só tem por fim enriquecer uma elite, sem que faculte aos reclusos um pouco mais de pão e de conforto. A cadeia das Mónicas, penitenciária de mulheres, é uma autêntica roça, permitindo que viva na opulência um indivíduo boçal, analfabeto, que junto da direcção das cadeias tem conseguido sempre quanto tem querido. Este indivíduo é o guarda Ferreira, que tem mantido sempre uma situação tão excepcional, mesmo em face dos outros guardas seus colegas, que os próprios presos lhe chamam ironicamente «o sr. director». E, de facto, é, talvez, mais que aquilo que os presos lhe chamam, por ironia. Quasi nunca veste o fardamento a que o regulamento o obriga. Entra no Limoeiro com o seu ar de superioridade, retila e impõe castigos aos seus colegas. Um sr. irmão, também guarda, que há anos roubou do Limoeiro algumas sacas de arroz, continuou ao serviço das cadeias, como guarda, encontrando-se actualmente no forte de Monsanto. A política cria destes pequenos sobas. O Ferreira, depois de armado purrueiro da *formiga branca*, tem vindo através de todas as situações políticas deambulando-se conforme a facção que predomina. Ao falecido director das cadeias, França Júnior, impunha a sua *purria*, amparada no directorio do P. R. P., e conseguia fazer quanto convinha ao seu boçalismo reinante. Agora, sendo director das cadeias o sr. Pestana Júnior, é natural que se tenha feito esquadrista, a fim de continuar o seu predomínio e desenvolver os seus «negócios».

Em boa verdade, não se compreende bem, apesar das cabrioladas políticas, a protecção de que goza o tal Ferreira, armado em chefe da cadeia das Mónicas.

O regulamento das cadeias proíbe que os empregados possam ter negócios com a direcção. Pois este Ferreira é o arrematante de todas as oficinas da cadeia das Mónicas. É fácil prever as consequências deste inexplicável privilégio: como carcereiro, impõe às pobres mulheres o rigor das suas indiscutíveis ordens que decerto recairão mais impiedosamente sobre aquelas que ousem manifestar a sua má vontade contra a exploração de que são vítimas; como empregado e como arrematante, abusa da sua situação de guarda, fiscalizando as suas escravas enquanto usufrui o seu ordenado de carcereiro.

Aquilo não é ser guarda duma cadeia; é ser proprietário duma mina cujo filho de suas manifestações, liberdade mais do que nunca ameaçada sob o pretexto da salvação nacional.

O «riversismo» na Espanha e o «fascismo» na Itália e noutros países; as trulicâncias, vexames e perseguições que os governos representativos daquelas modalidades ditatoriais têm determinado, o sangue que têm feito correr, as vítimas que têm causado, são outros tantos motivos, e todos de sobra, para uma prevenção rigorosa do proletariado contra a eventualidade dum governo animado do mesmo pensamento e da mesma vontade.

E se os partidos chamados da «esquerda política» têm motivos para se defenderem dentro dos princípios democráticos, mais fortes motivos tem o proletariado, porisso que, sendo mais humanas as suas aspirações e mais racionais, mais profunda e libertadora a sua acção, maior será a reacção das forças conservadoras contra si.

Alerta, pois, trabalhadores! Abaixo a ditadura! Viva a Liberdade! Lisboa, 30 de Maio de 1926.

A C. G. T.

A grande crise inglesa

LONDRES, 31.—Todos os jornais assinalam a gravidade da continuação da crise mineira, que ameaça paralisar progressivamente todas as indústrias.

Fala-se numa possível intervenção parlamentar, à semelhança do que sucedeu em 1912. Entretanto os prejuízos sofridos pela indústria aumentam duma forma inquietante. Só nos caminhos de ferro eleva-se a mais de oito milhões.

Falando em Darlington, lord Cairford, grande proprietário de minas nos condados de York e de Durham, declarou: «O corrente ano é o mais desastroso da história da nossa companhia. Os nossos prejuízos elevam-se a mais do dobro dos sofridos no ano anterior, apesar dos fortes subsídios recebidos para pagamento de salários».

Foi adiada a grande sessão que hoje se devia realizar no Sindicato Mobiliário

Para hoje estava marcada uma grande sessão no Sindicato Unico Mobiliário para tratar da situação económica do operariado daquela indústria.

Os acontecimentos revolucionários levaram a comissão administrativa daquele organismo a adiar «sine-die» a referida sessão, o que por este meio se notifica à respectiva classe.

precioso ouro é inexgotável. E' ser senhor absoluto dum grande feudo, que uma incompreensível complacência tolera, permitindo tão grande anomalia e uma clara infracção das disposições legais.

Tal situação, criada a um indivíduo que exerce as funções de guarda duma cadeia, é uma nova condenação imposta às pobres mulheres e um grave prejuízo para o Estado, porque já mais alguém, seja quem for, conseguirá arrematar as oficinas das Mónicas visto que há sempre todas as probabilidades dum guarda ganhar sempre e em todos os casos a arrematação. Desde que um funcionário da cadeia queira ser o arrematante todos os concursos são pura burla: ele ha-de ganhar sempre.

Pois lo sr. Ferreira, além desta privilégio da situação, tem ainda uma outra que lhe dá melhores proventos talvez: é também fornecedor das cadeias. Porém, este privilégio soube disfarçá-lo doutro modo. Por indicação sua, alguns seus parentes montaram um escritório com qualquer rotulo que não existe de facto, mas que serve apenas para dar ao negócio um carácter diferente. O Ferreira oferece os generos para o rancho dos presos e a direcção paga-lhes sempre por bom preço. Destes fornecimentos resultam alguns pares de luvas para funcionários das cadeias e um bom negócio para o tal escritório que tem fatalmente de dar ao Ferreira a parte de leão.

E, mercê deste privilégio, os presos com muitas vezes generos deteriorados, impróprios mesmo para consumo, porque nas cadeias tem de se gastar tudo que o tal «director» Ferreira entende por bem impingir-lhes por elevadíssimos preços. Há tempos, este guarda empreiteiro—fornecedor e «director» das cadeias, meteu no forte de Monsanto algumas toneladas de batata deteriorada que após alguns dias de permanência na arrecadação estava podre. Esta batata devia ter sido bem paga visto a situação do fornecedor. Mas por ter sido paga como se fosse de boa qualidade, os presos tem de comer no rancho, todos os dias, batata em tal estado que depois de comida se torna negra e que ainda estraga os outros generos.

Parece que a direcção já ordenou que a batata fosse dada aos porcos e se empregasse no rancho batata de um novo fornecimento, feito pelo tal escritório, o que quer dizer pelo Ferreira, que parece dispor à vontade dos cofres e dos regulamentos da direcção das Cadeias Cíveis de Lisboa.

O sr. Pestana Júnior, não pode alegar ignorância destes factos, que todos os presos e guardas conhecem, porque se vêm repercutindo há tanto tempo quanto tem de guarda o célebre Ferreira. E não obstante esta circunstância, este tem-se apossado a tal ponto da situação de fornecedor que hoje uma escova de esfregar ou uma vasdoura, feitas no pátio do Limoeiro, e que dantes saíam à cadeia por um preço baratíssimo, custam hoje aquilo que o sr. Ferreira entende que devem custar, porque ele recebe as das oficinas do Limoeiro e fornece-as depois por sua conta. A maleabilidade do sr. Pestana Júnior consente tudo isto.

Que aumente a criminalidade para honra e proveito dos que só vivem da prática de crimes!

João Maria MAJOR
Prêso social do Forte de Monsanto

Sessão plenária da Câmara Municipal de Lisboa

Foi nomeada a comissão de vereadores encarregada de tratar da questão dos salários aos operários, sendo constituída pelos srs. Emanuel Kohn, Martins Casal, José dos Santos, Joaquim Domingues e Alfredo Franco, declarando estes dois últimos não aceitarem tal encargo.

Foi aprovada a proposta do sr. Emanuel Kohn por nós já publicada, tornando obrigatório nos automóveis, camiões e motocicletas e que impeça o escape de gases deletérios, transformando-os ou purificando-os.

Aprovou-se a proposta do sr. José Augusto Lial para todo o pessoal subalterno e bombeiros do Corpo Municipal de Salvação Pública, com mais de 30 anos de efectivo serviço e bom comportamento ser submetido a uma junta médica para avaliar o seu estado físico a fim de passar à classe dos inabilitados na categoria imediata, como prémio do seu longo período de actividade e bom comportamento a que, por julgado incapaz para todo o serviço.

Também foi aprovada uma proposta do sr. dr. Corvinel Moreira para aquisição de 5 camions para condução de lixo do tipo adoptado pelo Municipio de Paris, 3 autos de varrer, sendo um de lixo e dois de regas. Este material é destinada à organização duma zona experimental de limpeza, onde será efectuado um maior número possível de operações.

Resolveu-se em conformidade com a proposta do sr. Alexandre Ferreira que as taxas de licença a aplicar às Associações musicais, dramáticas e outras em que o recreio é ministrado por forma que satisfaz a fins instrutivos e educativos sejam as que constam da postura n.º 26, referente a um imposto municipal sobre estabelecimentos.

Deliberou-se dar à rua de Santa Marta, a denominação de rua dr. Alexandre Braga; à Travessa do Sequeiro às Chagas, o nome de rua de Guilherme Cossouli; a parte da Calçada do Tojal e à rua do Espírito Santo, a denominação de rua Ernesto da Silva; à rua da Procissão, o nome de rua Cecílio de Sousa; ao jardim da Praça da Alegria, o nome de jardim de Alfredo Keil; ao jardim da Praça das Flores, o de jardim Fialho de Almeida.

OS QUE MORREM

Augusto da Conceição Mota

Realiza-se hoje, às 15 horas, o funeral do vendedor de jornais Augusto da Conceição Mota, saindo da rua da Mãe de Agua, 34, pátio, para o cemitério do Alto de São João.

UMA PÁGINA DE KRAPOTKINE

Crises das instituições sociais, políticas e económicas contemporâneas

Apresentam-se épocas na vida das sociedades em que a Revolução se torna uma necessidade imperiosa e se impõe dum modo absoluto. Novas ideias, por toda a parte apostoladas, tratam de sair à luz, de procurar uma aplicação na vida, no que são constantemente impedidas pela força repressiva do antigo regime: afogam-se na atmosfera sufocante dos velhos prejuízos e das tradições. As ideias recebidas sobre a constituição dos Estados, sobre as leis de equilíbrio social, sobre as relações politico-económicas dos cidadãos entre si não resistem já à crítica severa que as alveja constantemente tanto no salão como na taberna, tanto nas obras do filósofo como na conversação diária.

As instituições políticas, económicas e sociais sofrem um rude abalo, convertendo-se num edifício inabitável. Assistimos ao desabar duma sociedade de há muito condenada por todos os homens de coração.

Sente-se em toda a parte a necessidade duma vida nova. O código de moralidade estabelecido até hoje, o código que rege a maior parte dos homens na sua vida normal parece não satisfazer já. O que o tem se considerava como coisa equitativa não passa duma irritante injustiça: a moralidade de ontem é hoje reconhecida como uma immoralidade insuflável. O conflito entre as novas ideias e as velhas tradições surge em todas as classes da sociedade, em todos os meios, até no próprio seio da família. O filho luta contra seu pai considerando escandaloso o que este, durante toda a sua vida, julgou muito natural; o filho revolta-se abertamente contra os princípios que sua mãe lhe transmite como o fruto de toda uma larga experiência. A consciência popular insurge-se dia a dia contra os escândalos que se produzem no seio das classes privilegiadas e ociosas; contra os crimes que se cometem em nome do direito do mais forte, ou na mira de perpetuar o privilégio.

Os que desejam o triunfo da justiça, os que desejam praticar as novas ideias vêem-se obrigados a reconhecer que os seus ideais generosos, humanitários, emancipadores, de nenhum modo se podem realizar numa sociedade como a que hoje vigora; compreendem a necessidade dum esforço revolucionário que limpe toda a terra desta putrefacção, vivifique com o seu sopro os corações entorpecidos e conduza a humanidade à abnegação e ao heroísmo, sem o que uma sociedade se envenene, se degrada e se descompõe.

Nas épocas de competência desenredada pela riqueza, de especulações febris e de crises; de súbita decadência de grandes indústrias ou de efêmera expansão e outros ramos de produção, as sociedades modernas, nas amontoadas em poucos anos e dissipadas do mesmo modo, compreendem-se que as instituições que presidem à produção e à troca estão bem longe de oferecer à sociedade o bem estar que lhe pretendem garantir; e vai-se percebendo que dão um resultado precisamente contrário. Determinam, em vez da ordem, o caos, em vez do bem-estar, a miséria, a incerteza do amanhã; em vez da harmonia de interesses, a guerra, uma guerra perpétua do explorador contra os produtores e a destes entre si próprios.

Vemos a sociedade dividir-se cada vez mais em dois campos hostis e subdividir-se ao mesmo tempo em milhares de pequenos grupos que se fazem uma guerra de morte. Cansada, naturalmente, destas guerras, fatigada pelas misérias que outros promovem, a humanidade lança-se em busca duma nova organização: reclama insistentemente uma mudança completa do regime da propriedade, da produção, da troca e de todas as relações económicas subsequentes.

Não obstante, a máquina governamental, encarregada de manter a ordem existente, continua funcionando. Porém, a cada volta da sua complicada engrenagem, deprime-se, desvia-se, immobiliza-se. O seu funcionamento torna-se cada dia mais difícil e o descontentamento provocado pelos seus defeitos vai sempre aumentando. A cada momento surgem novas exigências. «Reformai isto, reformai aquilo», gritam de todos os lados: «guerra, finanças, impostos, tribunais, policia, tudo deve ser retocado, reorganizado, estabelecido sobre novas bases» — dizem os reformadores. E, não obstante, todos compreendem que é totalmente impossível refazer, refocar qualquer destas coisas: porque tudo está ligado, ter-se-ia que remodelar tudo simultaneamente. E como refazer alguma coisa quando a sociedade se mantém em dois campos abertamente hostis? Satisfazer os descontentes, seria criar outros tantos.

Incapazes de trilhar o caminho das reformas, visto que se aproximariam da revolução, e ao mesmo tempo demasiado impotentes para deenfrentarem francamente a reacção, os governos limitam-se a obter paliativos que a ninguém satisfazem e nada mais conseguem do que provocar novos descontentamentos. Os que se encarregam, nessas épocas transitórias, de dirigir o barco governamental em nada mais sonham, por outro lado, do que numa só coisa: enriquecer-se em vista do próximo desastre. Acometidos, então, à direita e à esquerda, defendem-se a todo o transe, titubando as suas desculpas ou recorrendo à violência e dentro em breve acabam por destruir a última tábuia de salvação, por afogar o prestígio governamental no ridículo da sua própria incapacidade.

Nestas ocasiões, a Revolução impõe-se. Representa uma necessidade social. A situação torna-se puramente revolucionária. Quando estudamos nos nossos melhores historiadores a génese e o desenvolvimento das grandes convulsões revolucionárias, encontramos geralmente, sob este título—«As causas da Revolução»—um quadro surpreendente da situação que precede os acontecimentos. A miséria do povo, a insegurança geral, as medidas vexatórias do governo, os odiosos escândalos demonstrativos dos grandes vícios da sociedade, as novas ideias que tratam de abrir-se caminho e encontram a dete-las os sequeiros do antigo regime: nada falta ao dito quadro. Ao contemp-lá-lo, chega-se à conclusão de que a Revolução era, de facto, inevitável; que não restava outra saída além do procedimento insurreccional.

Tomemos para exemplo a situação antes de 1789, tal como no-la dão a conhecer os historiadores. Julgareis ouvir o camponês queixar-se do dizimo, dos impostos feudais ao abrigar no coração um ódio implacável ao senhor, ao monge, ao intendente. Julgareis ver os burgueses lamentando-se de haver perdido as suas amplas prerrogativas, e cobrir o rei de maldições. Ouvis o povo criticar a rainha, revoltar-se contra os ministros; e, por todos os lados, ouvis dizer que os impostos são intoleráveis e os ditos excessos exorbitantes; que as colheitas são más e o inverno demasiado rigoroso; que os vícios são caríssimos e os assambradores demasiado vorazes; que o correio está mal organizado e que os empregados são uma turba de mandriões, etc., etc. Numa palavra, nada corre bem, todos se queixam:—isto não pode continuar assim, isto há de acabar mal!—diz-se de todos os lados.

Contudo, entre estes raciocínios pacíficos e a insurreição existe um abismo profundo, um abismo que separa, na maior parte da humanidade, o raciocínio do acto, o pensamento da vontade, da necessidade de obras. E como foi franqueado esse abismo? Como é que esses homens, que, ainda ontem, se queixavam temerosamente da sua sorte, fumando tranquilamente o seu cachimbo, saíam com humildade o inimigo de quem momentos antes acabavam de falar mal, como é, pergunto eu, que uns dias mais tarde, esses mesmos homens poderam agarrar nos seus chuchos e forçados e atacar no seu próprio castelo o senhor, o senhor que ontem lhes inspirava tanto terror? Porque é que esses homens, que suas mulheres, com toda a razão, apelidaram de cobardes, poderam transformar-se assim em heróis que correm, sob uma chuva de balas, e de metralha, à conquista dos seus direitos? Como é que essas palavras tantas vezes proferidas, puderam por fim traduzir-se em actos?

É fácil a resposta. E à acção permanente, sempre renovada, das minorias que se deve esta transformação. O valor, a abnegação, o espírito desacrifício, são tão contagiosos como a cobardia, como a submissão, como o terror. Que formas revestirá a agitação?

A agitação tomará todas as formas: e serão tão variadas como as circunstâncias que as impulsionem. Ora lúgubre, ora satírica, porém sempre audaz, ora colectiva, ora simplesmente individual, a agitação não desparará nenhum dos meios ao seu alcance, nenhuma circunstância da vida pública para manter sempre desperto o espírito de rebeldia entre o povo oprimido e explorado.

Pedro KRAPOTKINE

Ocorrências diversas

«side-car», guiado pelo «chefe»...
nos dos Santos, de 21 anos, natural de Cas-tanheira de Pera, residente no Chalet Ga-zanheira, em Algés, a qual devido a uma derrapagem, foi chocar com a parede, colhendo nesse momento, Manuel de Almeida, de 66 anos, morador na rua de St. António, 8-2.º, que ficou ferido na cabeça, bem como o «chefe» que também ficou ferido no rosto. Conduzidos ao posto da Cruz Vermelha do Terreiro do Paço, receberam ali curativo recolhendo depois a casa.

—Na Sala de Observações do Banco do Hospital de St. José, faleceu ontem de manhã Viriato Teixeira Jorge, de 26 anos, sapateiro, morador na rua do Terreirinho, 40, 2.º, que, como noticiámos, antecorreu à noite, caiu de um eléctrico no Campo Grande sendo colhido pelo rodado do mesmo carro, ficando com ambas as pernas fracturadas.

—Na enfermaria de Sousa Martins do Hospital de St. José, deu entrada José Penado, de 43 anos, brocante, natural de Lisboa, residente na rua da Cruz, 137, à Alcântara, loja, que, na doca da Rocha do Conde de Obidos, caiu quando «picava» o costado de um navio, ficando muito contuso pelo corpo.

—A enfermaria de St. António, do Hospital de St. José, recolheu João Martins Ferreira, de 53 anos, pedreiro, natural de Albergaria a Velha, rua Possidónio da Silva, 75, 3.º, que, numa oficina, na rua 24 de Julho, foi colhido por uma caldeira, ficando com um braço fracturado.

—No posto da Cruz Vermelha do Calvário, receberam curativo e recolheram a casa, Armando Tavares Pereira, de 20 anos, natural de Lisboa, pintor, rua das Beatas, 41, à Graça, que caiu em Algés, ficando ferido na cabeça e com escoriações no rosto e José Maria de Pinho, de 45 anos, natural da Murtosa, fragateiro, residente na travessa dos Inglesinhos, 11, loja, que em Alcântara, caiu da muralha para dentro de uma fragata, ficando ferido na cabeça e contuso pelas costas.

—No Banco do hospital de São José, foi pensado e seguiu para casa, Manuel Vicente, de 37 anos, carroceiro, rua Alameda Operária, letra E, que em Santos ficou entalado entre a carroça e uma vagoneta ficando muito contuso no torax.

—No Bane do hospital de São José, recebeu curativo e foi para casa, Júlio de Melo e Silva, de 27 anos, pintor, residente em Camará da Ajuda, 9, 1.º, que ali foi agredido por um indivíduo que se evadiu, o qual lhe vibrou seis facadas que o atingiram no rosto, pescoço e costas.

O «Nero» de Moçambique chegou ao Funchal

Alto comissário de Moçambique comunicou ter chegado ao Funchal a 29 do corrente e que espera paquete para regressar a Lisboa.

Caldeireiros

Para cravagem de chapas de costado de navio, precisam-se dois para irem trabalhar em Angola, por curto prazo de tempo.

Trata-se na Companhia Agrícola do Cazengo — Rua da Madalena, 109, 1.º

Secção Telefónica Federações

VINICOLA

S. U. do Norte.—Recebemos estatutos: vale ainda não chegou.

Os acontecimentos no Porto

A Câmara Sindical do Trabalho toma importantes resoluções

PORTO, 30.—A fim de apreciar a marcha dos graves acontecimentos que ora se desenrolam, reuniu-se extraordinariamente o Conselho Geral da Câmara Sindical do Trabalho, com a presença de vários militantes.

Os delegados discutiram largamente acerca da atitude a tomar no momento presente, sendo, por fim, aprovada a seguinte moção:

O Conselho Geral da Câmara Sindical do Trabalho do Porto, reunido ontem extraordinariamente com assistência da maioria dos militantes operários para apreciar os últimos acontecimentos sociais e considerando que cumpre à organização operária velar atentamente pelos seus direitos, com força coordenadora de todos os trabalhos;

Considerando que além dos direitos conquistados pela classe trabalhadora, cumpre à organização operária velar também pelos princípios de Liberdade e Justiça proclamadas até agora;

Considerando portanto a necessidade deste organismo actuar imediatamente no sentido de fazer respeitar todos os direitos conquistados pela classe trabalhadora e pelo povo liberal resolve:

1.º Conservar-se na expectativa e em sessão permanente até que por uma forma clara e inequívoca seja definida a actual situação revolucionária.

2.º Ratificar toda a sua confiança ao comité de agitação para este actuar conforme as circunstâncias do momento.

3.º Redigir uma proclamação dirigida à classe trabalhadora para que esta se conserve vigilante no sentido de serem garantidas todas as regalias conquistadas pela classe trabalhadora e atendidas algumas reclamações feitas pela organização operária de carácter imediato, como seja o regresso dos deportados, etc.

Demite-se o governador civil do distrito

O sr. Eduardo Sarsfield, governador civil do Porto, enviou telegraficamente ao comandante Mendes Cabeçadas o seu pedido de demissão. Este pedido foi aceite, tendo sido o governo civil entregue ao secretário geral, dr. sr. Costa Lobo, até que o sr. Herculano Ferreira, capitão do exercito, tomou posse do cargo, para o qual fôra nomeado.

O suicídio de um oficial

Causou impressão o suicídio do tenente de infantaria 31, António Augusto de Oliveira, na estação ferroviária de Nice. Depois de soltar um viva à República, puxou da pistola e disparou dois tiros no sentido do peito, poucos minutos mais tendo de vida.

Actualmente logo vários camaradas a quem antes de expirar, disse ter no bolso o «viva» uma carta para sua esposa.

O cadáver foi removido para Braga na maca dos bombeiros e será conduzido para esta cidade onde na terça-feira terá o funeral.

Segundo as nossas informações, o tenente Oliveira seguiu no *fourgon* do comboio especial que lá buscar as forças de infantaria do Exército e da G. N. R. que antecorreu de manhã partiram desta cidade, comboio que chegou a Farnalhão às 10-6.

Como a máquina tivesse de ir a Nave para virar, pediu ao maquinista para seguir na locomotiva, o que lhe foi permitido.

Parece que ali tivera uma discussão e que em resultado dela tomou aquela resolução.

Notas várias

Por ordem da Divisão, a coluna mista que estava em Farnalhão regressou ontem a esta cidade, onde chegou às 19 e 15 em comboio especial, desembarcando em Campanhã. As tropas, com a banda de infantaria 6, à frente, seguiram para os seus aquartelamentos.

Encontram-se normalizados os serviços ferroviários no Minho e Douro, tendo-se efectuado ontem os comboios correios da manhã para Monsão e Barca d'Alva e respectivas ligações, comboios que regressaram à noite.

Um general que seccou demais...
WASHINGTON, 21.—Corre insistentemente o boato de que o general Lincoln Andrews, dirigente da policia prohibitionista, vai ser obrigado a pedir a sua demissão, por ter demonstrado excessivo zelo nas suas altas funções.

Tudo o país se manifesta contra as novas medidas que o general quer impor, autorizando a policia a passar buscas domiciliares.

No Parlamento já se levantou um vivo debate sobre o assunto, demonstrando grande número de deputados e senadores que tal medida é contrária à Constituição. O general Andrews contenta-se presentemente em executar as suas novas medidas no Estado da Califórnia.

Supõe-se que o presidente Coolidge, que se viu obrigado a assinar o decreto que lhe apresentou o ditador prohibitionista, não ficaria descontente vendo-o demitir-se. —(L.)

Vida Sindical

Federação da Construção Civil.—Para se ocupar de assuntos de grande urgência reúne hoje, pelas 21 horas, o Conselho Federal.

S. U. da Construção Civil.—Comissão Escolar.—Reúne hoje, pelas 21 horas, sendo indispensável a comparença de todos os delegados devido à importância do assunto.

Conselho de Secções.—Pelas 23 horas, o conselho de delegados para tratar da crise de trabalho, e vários assuntos importantes, sendo necessária a comparença de todos os delegados.

Manipuladores de Pão.—A's 20 horas, a comissão administrativa e também todos os militantes da classe.